

ARTIGOS

PENSANDO O PRINCÍPIO NO FUNDAMENTO

THINKING THE PRINCIPLE IN THE FOUNDATION

Emmanuel Carneiro Leão¹

RESUMO

Este texto fala da jovialidade da vida humana, das peripécias do ser e não ser, dos empenhos e desempenhos do viver humano nos caminhos e descaminhos do homem com Deus e de Deus com o homem. O princípio originário guia o humano, desde os primórdios, apesar dos descaminhos propostos ao Ocidente pela ciência e técnica moderna. Mas é a partir do princípio originário que se poderá abrir nova luz que faz nossas buscas irromperem no inusitado de uma nova vida.

Palavras-chave: Princípio. Iluminação. Jovialidade. Nova Vida.

ABSTRACT

This text talks about the joviality of human life, the adventures of being and not being, the commitments and performances of human living in the ways and deviations of man with God and of God with man. The original principle guides the human, since the beginning, despite the misdirections proposed to the West by modern science and technique. But it is from the original principle that new light can be opened that makes our searches burst into the unusual of a new life.

Keywords: Principle. Lighting. Joviality. New Life.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor de filosofia no IFCS, UFRJ. *E-mail*: ecleao@gmail.com

No final do Primeiro Capítulo do Livro Delta, o quinto livro de sua *Metafísica*, Aristóteles nos fala da coesão de todo princípio, com as seguintes palavras:

Πασῶν μὲν οὖν κοινὸν τῶν ἀρχῶν

τὸ πρῶτον εἶναι ὅθεν ἢ ἔστιν

ἢ γίγνεται ἢ γινώσκειται (1013a 20-25).

“Comum, portanto, a todos os princípios (é) ser o primeiro, donde tanto se é (o que se é), como se vem a ser (o que se vem a ser), como se conhece, (o que se conhece)”².

É neste sentido que ἀρχή, princípio, é a própria realidade na essência, é a própria realidade na existência, é a própria realidade na verdade de tudo que é e não é, de tudo que está e não está sendo. Um elã de partilha e difusão recolhe à solidez de uma coesão ontológica todos os modos de ser, todas as maneiras de dar-se e relacionar-se, de qualquer princípio. É o κοινόν, o sentido do πρῶτον ὅθεν, “o primeiro a partir do qual”, “o primeiro donde” provém e acontece um real na originariedade de sua realização.

A questão essencial, que, neste primeiro capítulo do Delta, Aristóteles nos entrega ao pensamento e nos confia à reflexão, diz respeito e concerne à coesão nos modos de ser, de vir a ser e conhecer. O que confere comunhão ontológica aos usos de Linguagem, o que rende comunidade ontológica aos modos de exercer-se do princípio? Qual será a vigência da comunhão e donde provém o vigor da comunidade que o princípio traz consigo, na pluralidade de seus muitos adventos Históricos? Qual é o verbo que a realidade conjuga, ao tornar-se princípio de tudo? Será fazer e produzir ou será agir e criar ou ainda fundar e destinar, ou conviver na existência? Qual será mesmo o verbo que a realidade conjuga nas realizações do real? E o que é um verbo? Todos os verbos não serão outros tantos níveis, outras tantas dimensões, outros tantos processos pelos quais

² Tradução livre.

a realidade encaminha a totalidade do real e o universo das realizações numa variedade infinda de caminhos?

Neste caso, ἀρχή seria sempre em qualquer caminho uma explosão de possibilidades em busca de realização. E o princípio da realidade não teria nem o peso das repetições nem a gravidade da evolução, não disporia nem do poder da eficiência nem do domínio da causalidade. Seria apenas e somente mas sempre inauguração originária. Instalaria cada vez a primeira vez. O princípio já não seria nem uno nem múltiplo mas a leveza da diferenciação das diferenças. Seria, então, a partir do nada que principiaria tanto a posição do real quanto a imposição da necessidade. No exercício do princípio, quebrar-se-ia a regra consagrada de que *ex nihilo nihil fit*, “do nada não se faz nada” e instalar-se-ia uma experiência misteriosa, a experiência alvissareira de que *ex nihilo omnia fiunt*, “é do nada que se faz tudo”!

Assim o que, ao longo das épocas de evolução da metafísica, se chamou de primeiros princípios, a saber, os princípios de identidade, de não contradição, do terceiro excluído, o princípio da razão determinante ou suficiente, o princípio da causalidade, todos, primeiros princípios da existência, da essência e da verdade das coisas, já seriam derivados, por se fundarem na ἀρχή da realidade. Por não ter princípio mas ser o princípio de tudo, a realidade é o princípio por excelência, o princípio κατ' ἐξοχήν, o princípio de todos os princípios, a principialidade, que torna e faz ser princípio todo e qualquer princípio. O princípio dos princípios seria, pois, o abismo da realidade, que daria, prestaria e renderia fundo a todo fundamento. Por ser fundo sem ter fundamento, a realidade não está sub ordenada nem subordinada a nenhum princípio, pois, a rigor, nem existe nem pode existir. Nestes termos, o fundo de todo fundamento é não ter fundamento e consiste em equilibrar-se sobre um abismo sem fundo, o abismo do nada.

A partir da idade moderna, a construção do mundo na ciência, na técnica e na filosofia foi se afastando progressivamente do Nada criativo da realidade. Todo esforço se concentra em superar um nada somente negativo, oriundo da simples negação do real. Todo nada é ausência de alguma coisa e o nada a ausência de todas as coisas. O princípio da realidade se reduz todo ao princípio da razão. Leibniz o formulou nas seguintes palavras: *nihil est sine ratione*, “nada é sem razão” e Hegel o consagrou na dialética entre real e racional: *was vernünftig ist*

ist wirklich und was wirklich ist ist vernünftig, “tudo que é racional é real e tudo que é real é racional” (HEGEL, 1979, p. 11).

Toda verdade é um espetáculo de luz e som que a realidade nos proporciona nas realizações do real. Neste espetáculo se constitui e organiza uma diferença de nível, de vigência e de acesso entre as verdades. Uma verdade é luminosa. Tem luz própria. São verdades, fontes de luz, que geram em si mesmas a luz de seu brilho. É tão intensa sua luminosidade que dispensam intermediários. Elas se bastam a si mesmas. Para serem vistas e apreendidas, não necessitam de outra luz. Impõem-se à percepção autocraticamente com o fulgor de seu próprio poder de fogo. São verdades evidentes por si mesmas.

Diferentes são as verdades iluminadas. Não têm luz própria. São verdades-efeito que brilham com a luz das outras. Para serem vistas e percebidas, requerem iluminação. E a lógica é a arte da iluminação. As funções de verdade dão um espetáculo de claridade por acareação. Ao serem acareadas, as verdades se iluminam.

O princípio da razão é uma verdade luminosa que evidencia a luz da razão em todas as coisas, pois nada é sem razão, tudo tem necessariamente sua razão. É a ditadura da razão. Mas que ditadura é esta? A ditadura da razão é exclusão e exclusividade. Consiste em construir o mundo num sistema de prestação de contas. Suas explicações são evidentes e suficientes, coerentes e consistentes para poderem ser verdadeiras e reais. Tudo, que é ou deixa de ser, tudo, que se faz ou se deixa de fazer, tem fundamento na razão. Prestar conta e dar explicação não se reduz apenas a arguir e argumentar. Inclui também operar e transformar o mundo em dispositivos e ferramentas, em artefatos e produtos, em mercadorias de satisfação e entorpecimento. Então “está dominado, está tudo dominado”! É que o princípio da razão não diz apenas a regência e o domínio da razão. Diz muito mais do que isto. Diz sobretudo a razão como regra e domínio de tudo.

Racionalizar é sempre unidimensionalizar, no sentido de reduzir tudo a uma única dimensão, a dimensão da razão, tal como acontece com a globalização do planeta, que impõe a parte ao todo, transformando uma parcialidade em totalidade. Globalização não é reunião mas abolição das diferenças: é a fragmentação de uma uniformidade generalizada e por isso mesmo estéril, mas poderosa. Por isso Leibniz chamou o princípio da razão *principium grande et nobilissimum*, “princípio poderoso e da máxima importância”.

A racionalização universal, com buscar fundamento racional para tudo, terminou por transferir para a razão do e no sujeito da História o último fundamento. Com esta transferência, o mundo sofreu um processo de contínua dessacralização. O homem moderno entrou num movimento de perda radical. Foi perdendo tudo o mais e ficando somente com a razão. Por isso hoje em dia não estamos apenas em fim e começo de milênio. Estamos em fim e começo de História. E na avalanche desta passagem vivemos a ordem da desordem. A ética, como tal, a ética, como ética, e não apenas as normas mas a própria possibilidade de se criar e impor normas, perdeu todo sentido e desapareceu o vigor de sua força de convencimento. Assim já não é possível não se sentir o terror, já não se pode evitar a violência nem deixar de recorrer à guerra. É o perfil do homem pós-moderno virtualizado e enredado por tantas redes. Nietzsche o apresentou na figura do “homem louco”, *der tolle Mensch!*

No último quartel do século XIX, no ano de 1882, Nietzsche publicou os quatro livros da *Froeliche Wissenschaft* (NIETZSCHE, 1960, 126ss), Gaia Ciência. O aforismo 125 do terceiro livro traz o título: *Der tolle Mensch*, “O homem louco”. Neste aforismo Nietzsche denuncia não apenas a morte de Deus, mas o assassinato de Deus. A morte de Deus não foi uma morte natural. Deus morreu de morte violenta. *Wir haben ihn getoetet – ihr und ich. Wir alle sind seine Moerder*: “Nós o matamos – vocês e eu. Todos nós somos os seus assassinos!” (NIETZSCHE, 1960, 126ss).

Quatro anos depois, em 1886, Nietzsche acrescentou aos quatro livros da Gaia Ciência de 1882 um quinto livro com o título: *Wir Furchtlosen*: “Nós destemidos”. O primeiro aforismo do novo livro começa com a pergunta: *Was es mit unserer Heiterkeit auf sich hat?* — “O que está havendo com a inocência de nossa jovialidade?” — O texto responde, dizendo: *Das grosste neuere Ereignis — dass Gott tot ist, dass der Glaube an den christlichen Gott unglaubwuerdig ist, beginnt bereits seine ersten Schatten ueber Europa zu werfen*. “O maior dos acontecimentos mais recentes — que Deus está morto, que a fé no Deus cristão se tornou indigna de fé — já começa a projetar sobre a Europa suas primeiras sombras!” (NIETZSCHE, 1960, 126ss).

Hoje em dia, as sombras da morte violenta de Deus já cobriram com o estado de violência a história humana em todo o planeta. Todos são ao mesmo

tempo autores e vítimas. Não há inocentes. Só há culpados. O estado de violência atingiu todos e cada um. Todos nós, sem exceção alguma, somos, de alguma maneira, terroristas e vítimas do terrorismo. Não somente o homem-bomba, a mulher-bomba, a criança-bomba são terroristas. O tanque-bomba também, o avião-bomba também, o foguete-bomba também o são. A morte violenta de Deus levou consigo a humanidade do homem em todos os homens. E não se trata de um ato singular de indivíduo. É uma condição histórica que absorve todos os indivíduos e atinge a própria fonte geradora de todo valor.

Nesta atropelada, não apenas a religião foi junto. A ética também, a política também, a dignidade e liberdade também, nenhuma grandeza histórica escapou ao arrastão desta avalanche. Os atos terroristas provêm e se alimentam do estado de terror. Não se pode pensar em ética. As fontes da criação se esgotaram e todos os espaços da convivência já estão ocupados pelo controle racionalizado de autômatos finitos.

Está escrito nos salmos 14 e 53, segundo a versão latina da Vulgata de São Jerônimo: *Dicit insipiens in corde suo: non est Deus*, “diz o insipiente consigo mesmo no íntimo de seu coração: Deus não existe!” (Salmo 53,1).

Davi considerava o homem sem Deus um *insipiens*, um insipiente, um idiota. Hoje em dia, na regência racional do princípio da razão, como fundamento de tudo, o homem sem Deus não se acha *insipiens*, um idiota. Ao contrário, considera-se um *sapiens*, no sentido em que sábio e sabedoria são sinônimos de cientista e ciência, hoje considerados o rei e o reino da racionalidade.

Este homem sem Deus, no entanto, não deve ser identificado simplesmente com todos e cada um dos indivíduos que hoje vivem na terra. O homem sem Deus de hoje é sobretudo a consciência histórica da subjetividade racional que, com empáfia e presunção dos estreitos, constitui a mentalidade ideológica dos comportamentos anônimos vigentes em instituições e processos culturais. São padrões coletivos impessoais de ação e reação que não inscrevem Deus em suas estruturas nem na índole de suas decisões, embora, muitas vezes, seus agenciadores professem Deus tradicionalmente em gestos e palavras. O homem sem Deus vive na vida de todos nós um paradoxo vivo, um paradoxo “inscrito na carne com letras de sangue” na apresentação lapidar do Kafka da Colônia Penal.

O homem sem Deus se levanta com o sol e, no segredo de seu coração, dirige para Deus uma série de apóstrofes cegas, mas cegas de uma cegueira radical. A cegueira radical não se constata com a visão dos olhos. A cegueira radical só se percebe com o pensamento, pensando o abismo sem fundo da realidade. Pois a cegueira radical não impede de ver. Ao contrário, possibilita ver qualquer coisa, por já ter reduzido tudo a determinados padrões de visão. Cega para o nada criativo da realidade, a cegueira radical só não vê as profundezas sem fundo do homem, do mundo, da vida. E com esta cegueira misteriosa, o homem sem Deus dirige para Deus uma série de apóstrofes. Com algumas delas queria colocar em discussão estes pensamentos acanhados ingênuos sobre o princípio do fundamento: o homem sem Deus arremete contra Deus suas invectivas:

Deus, onde estás que não respondes?

Se Tu existes realmente, fala comigo!

E eis que um sabiá começa a cantar!

Deus, se Tu existes verdadeiramente, deixa-me ver-te!

E eis que o relâmpago atravessa uma nuvem!

Deus, se Tu de fato existes, faz algum barulho!

E eis que o trovão rompe o silêncio do céu!

Deus, se Tu deveras existes, deixa-me sentir Tua presença!

E eis que os raios do sol inundam-lhe os olhos de luz!

Deus, se Tu existes na real mostra-me um milagre!

E eis que uma criança nasce no meio da noite!

Deus, se Tu existes de mesmo, dobra a prepotência do orgulho humano!

E eis que o amor acende um fogo no coração do homem, que, crescendo sempre, toma conta de toda a sua alma!

Deus, se Tu existes de verdade acaba com a podridão do mundo!

E eis que a flor de lis sobe de um pântano!

Deus, se Tu de fato existes, tira a dor do coração humano!

E eis que, no fundo de todo sofrimento, se escuta o grito primal da vida!

Deus, se Tu concretamente existes, apaga a violência da história e afasta a fome e as doenças do mundo!

E eis que a esperança no outro de todos alimenta de fé o perfume que exala das
próprias entranhas do mal!

Deus, se Tu existes realmente livra o homem da morte!

E eis que do seio da própria morte nasce a imortalidade da vida!

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Typographia Universal, 1867.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. v. 1-3.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Phänomenologie des Geistes**. Werke. Frankfurt a. M. 1979. Band 3.

KAFKA, Franz. **Na colônia penal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Die Fröhliche Wissenschaft, in Werke in drei Bänden**. Darmstadt: Wissenschaftliche, 1960. Band 2.